

TRADUZIR A LITERATURA EM SITUAÇÃO DE DIGLOSSIA<sup>1</sup>Raphaël Confiant<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo trata de coexistência de duas línguas no escritor antilhano francófono: "aquela que fala em voz alta", o francês, e "aquela que murmura" por trás, o crioulo, a língua muda. Esta o conduz a adotar uma atitude paradoxal em sua escrita que ele vive como uma tradução inconfessa. Por fim, quando se traduz tal tipo de texto literário, o tradutor não deve esquecer que sob a língua visível fala uma outra língua e que é necessário estabelecer uma relação de 2 (francês+crioulo) para 1 (língua de chegada), e trabalhar no quadro da *diversalidade* linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** diglossia, crioulo, escrita literária, tradução

**ABSTRACT:** This paper examines the coexistence of two languages for Francophone Caribbean writers: French, the loud-voiced language and Creole, the dumb tongue, the language whispered underneath. Consequently, creative writing takes a rather paradoxical turn for them: it becomes an unavowed translation. And when such texts have effectively to be translated, translators mustn't forget that under the visible language lies another one; hence the necessary passage from 2 ( French + Creole) to 1 (target language), implying their taking into account linguistic *diversity*.

**KEYWORDS:** diglossia, Creole, literary writing, translation

O escritor antilhano e guianense, em particular aquele da zona franco-crioulófona que engloba Martinica, Guadalupe, Guiana Francesa e Haiti, é um tradutor disfarçado ou, mais exatamente, um tradutor inconfesso. Por “inconfesso” é preciso entender o fato de que sua atividade de escrita nunca é tida explicitamente como do domínio da tradução, exceto de modo adjacente quando, por exemplo, ele se vê forçado a inserir em seu texto

---

<sup>1</sup> Raphaël Confiant, “Traduire la littérature en situation de diglossie”, *Palimpsestes*, n. 12, 2000. Tradução de Marcos Bagno e Dennys Silva-Reis.

<sup>2</sup> Raphaël Confiant é professor da Universidade das Antilhas et da Guiana, *doctor honoris causa* da Universidade Autônoma de Santo Domingo. Escritor reconhecido em francês e em crioulo, é autor de diversos romances, contos, narrativas e poemas, entre os quais: *Eau de café*, *Ravines de devant-jour*, *L'Allée des soupirs*, *La Savane des pétrifications*, *Le Meurtre du samedi-gloria*, *Jik deye do Bondye*, *Bitako-A*, *Jou bare*, *Dictionnaire des titim et sirandanes*. Cofundador com Patrick Chamoiseau do Movimento da Crioulidade (Mouvement de la Créolité), escreveu em colaboração com este vários ensaios sobre a questão: *Lettres créoles: tracées antillaises et continentales de la littérature*; *Éloge de la créolité*.

notas de rodapé. Todo leitor da literatura antilhano-guianense conhece a mais famosa delas: “*Morne: petite colline des Antilles*” (“*Morne: pequena colina das Antilhas*”).

De fato, alguns romances, haitianos em particular, se assemelham a verdadeiras colchas de retalhos de tal modo estão recheados não somente de notas de rodapé, mas também de termos ou expressões em itálico, quando não em negrito. É o caso das obras de um Justin Lhérisse ou de um Fernand Hibbert do início do século XX. Por vezes, essa atividade tradutória pode se tornar mais discreta ao assumir a forma de um glossário de termos crioulos colocado no final do livro.

Neste artigo, me dedicarei a explorar as causas dessa escrita que qualificarei de *escrita tradutora*; num segundo momento, examinarei suas manifestações concretas em alguns textos antilhano-guianenses; por fim, tentarei trazer à luz as consequências que essa escrita tradutora tem inevitavelmente sobre a tradução, no sentido próprio do termo.

### **Uma escrita em situação de diglossia**

A desterritorialização da língua francesa, e seu reenraizamento em diversas regiões do mundo, acarretou, como bem sabemos hoje, não somente uma remodelagem dessa língua, mas sobretudo criou situações sociolinguísticas inéditas com o aparecimento de ecossistemas marcados pelo coabitação não igualitária das línguas.

O ecossistema linguístico antilhano-guianense é um dos mais originais na medida em que coloca em presença, não duas línguas de igual tradição escrita, como na África do Norte, nem diversas línguas de igual ancestralidade, como na África negra, mas sim uma língua de antiga tradição escrita, o francês, com uma língua nova, parcialmente aparentada a este, o crioulo, prisioneira de sua oralidade, embora se tenha começado a grafá-la já em meados do século XVIII.

Desde o trabalho de Charles Ferguson (1959)<sup>3</sup>, essa situação é classificada como *situação de diglossia*, conceito que desde então vem sofrendo múltiplas reformulações e contestações, a tal ponto que chega hoje a ser rejeitado por algumas pessoas. Parece-nos, por nossa parte, que uma definição mínima, embora insuficiente como veremos a seguir,

---

<sup>3</sup> Charles Ferguson, “Diglossia”, *Word* 15, 1959.

da diglossia ainda permanece válida, tanto para o mundo crioulo quanto para o mundo árabe (árabe literário vs. árabe dialetal), para a Occitânia, a Catalunha ou o Quebec por exemplo, ou seja, a coexistência conflituosa no interior de um mesmo ecossistema de pelo menos dois idiomas, dos quais só um tem *status* de “língua”, enquanto o(s) outro(s) é(são) considerado(s) como *patoá(s)*<sup>4</sup>. Esse *status* conferido à língua dita dominante, o francês nas Antilhas, permite a ela monopolizar na prática todos os âmbitos prestigiosos ou oficiais da comunicação, ao passo que a língua dominada se restringe ao falar cotidiano e à expressão da informalidade, quando não da trivialidade. Aqui, a dimensão conflituosa é a única pertinente pois, excetuado, novamente, o caso particular do crioulo, o valor dos sistemas linguísticos dominados não está em causa: o árabe é escrito muito séculos antes do francês, dispõe de grafia própria e é dotado de um livro sagrado, o Corão, que lhe fornece um prestígio indiscutível; o catalão e o francês quebequense também não são, enquanto sistemas linguísticos, considerados inferiores ao espanhol e ao inglês.

Nessa repartição pesadamente desigual das tarefas comunicativas, o domínio da escrita desempenha um papel fundamental.

Nas Antilhas-Guiana, ela servirá não somente para assentar e legitimar a onipotência do francês, mas sobretudo para recalcar qualquer incursão explícita ou disfarçada do crioulo naquilo que é, para o francês, uma verdadeira reserva de domínio. A incursão direta do crioulo no campo da escrita tem sido, há três séculos, perfeitamente impedida, já que, apesar do fato de, desde 1754, terem sido produzidos textos de vocação literária nessa língua e tal produção nunca ter deixado de existir ao longo da história da região (o primeiro romance em crioulo, *Atipa*, do guianense Alfred Parépou, data de 1885), a literatura crioulófona, e a escrita crioulófona em geral, vivem sempre numa absoluta marginalidade social. Se, na oralidade, o crioulo dispõe daquilo que Jean Bernabé (1983) chama de “esferas de excelência”, isto é, espaços comunicativos onde ele reina sem concorrência, a situação é totalmente outra na escrita, onde, ao contrário, ele só existe no modo da insignificância ou da gratuidade.

---

<sup>4</sup> *Patoá*, do francês *patois*, “dialeto essencialmente oral que difere da língua oficial” (*Dicionário Houaiss*) [NT].

Em contrapartida, a incursão disfarçada ou indireta do crioulo nunca pôde ser subjugada. Por incursão disfarçada entendemos o fato, para o crioulo, de penetrar clandestinamente no campo da escrita por intermédio daquele mesmo que o impede, o francês, e isso apesar da guerra sem tréguas travada pela escola contra o que ela chama pejorativamente de *crioulismo* (*créolisme*), verdadeiro pecado mortal que pode levar o aluno diretamente para o inferno das notas baixas, da reprovação nos exames, quando não à expulsão pura e simples da instituição escolar. O “crioulismo natural”, que distinguimos do “crioulismo literário”, afeta a totalidade dos falantes e, evidentemente, dos escreventes antilhano-guianenses, e sob formas e modalidades diversas conforme o posicionamento de cada um na escala sociolinguística. O crioulo, natural ou literário, depende sem dúvida de uma prática tradutória cujo funcionamento examinaremos, na qualidade de interferência linguística já muito bem estudada.

Para tanto, cabe precisar a configuração, esboçada mais acima, da diglossia antilhano-guianense, configuração que podia dar a impressão de uma repartição ao fim e ao cabo harmoniosa das tarefas comunicativas entre francês e crioulo. Na realidade, o termo *ecossistema linguístico*, em sua conotação biologizante, não é inocente: quer dizer que os organismos<sup>5</sup> linguísticos que ali vivem tentam aumentar seu espaço vital, tentando eliminar os organismos concorrentes.

Dessa “guerra de línguas” nascerá, não uma bipartição do espaço linguístico, mas uma quadripartição, conforme mostra Jean Bernabé (1983). Este autor define, de fato, a diglossia antilhano-guianense como um conjunto de relações conflituosas, relações de *continuum-discontinuum*, conforme a seguinte ordem hierárquica:

Francês-padrão

Francês criouloizado

Crioulo afrancesado

Crioulo basileto<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Decerto seria melhor falar, na esteira de Salikoko Mufwene, professor de linguística da Universidade de Chicago, de “espécies linguísticas” e não de “organismos” (1997).

<sup>6</sup> Um basileto é uma “variedade baixa utilizada num sistema de comunicação”. J. Bernabé e o GERIC recorrem também à noção de basileto para caracterizar o conjunto dos fatos mais desviantes com relação ao francês. “Trata-se, neste sentido, de um crioulo ‘construído’, no qual se encontram reunidas todas as formas mais afastadas do francês, sejam elas atestadas ou não na comunicação real. Tem-se portanto aí uma

Qualquer zona compreendida entre o francês-padrão e o francês crioulezado é afetada por fenômenos de “crioulismo natural”, e a prática deste, numa comunidade totalmente diglota<sup>7</sup>, não afetará somente os falantes/escreventes que têm apenas um domínio restrito ou medíocre do francês-padrão, mas sim a totalidade destes, ainda que – e aqui se desliza insensivelmente rumo ao “crioulismo literário” – aqueles que têm um bom domínio do francês-padrão possam, ocasionalmente, tanto no oral quanto no escrito, se entregar voluntariamente a essa prática com um objetivo estilístico ou pragmático.

Na oralidade, a utilização voluntária do crioulezado é, por exemplo, um dos recursos principais do humor antilhano. São os efeitos dessa prática no nível da escrita que passarei a examinar agora.

### **Elogio da língua muda**

Quando um antilhano escreve, há de imediato duas línguas que falam, há quatro polos linguísticos que se põem em movimento. Há aquela que fala em voz alta, o francês, e aquela que murmura, o crioulo. Jacques Coursil<sup>8</sup> chama esta última de *língua muda*, e se trata de uma muda que fala. Como ela resolve isso? Pela tradução, justamente, por uma espécie de tensão tradutora generalizada que vai atravessar de ponta a ponta a escrita antilhana, mesmo aquela que aparenta utilizar exclusivamente a variedade-padrão, como faz a poesia de um Aimé Césaire. Evocamos, no início do artigo, os procedimentos mais espetaculares, quando não os mais grosseiros (notas de rodapé, termos em itálico ou negrito, glossário), daquilo que é preciso chamar de *diglossia literária*, na esteira de Robert Lafont e dos sociolinguistas occitanos e catalães. Essa tensão tradutora vai muito além do domínio lexical e alcança igualmente os domínios da morfossintaxe e da retórica do francês utilizado pelos autores antilhano-guianenses. Emile Yoyo (1975) mostrou a presença dessa morfossintaxe em Saint-John Perse, domiciliando assim sua poesia em

---

atitude voluntarista, que tende a definir o crioulo como o que se opõe na comunicação ao francês-padrão e, por outro lado, a propor como modelo e a constituir como variedade normativa o crioulo assim construído” (Marie-Christine Hazael-Massieux, *Écrire en créole*. Paris, L’Harmattan, 1993, p. 287).

<sup>7</sup> Mesmo no caso do Haiti, considerado monoglota em 90%, se se admitir a teoria do “campo central” e do “campo periférico” da diglossia elaborada por J. Bernabé (1987)

<sup>8</sup> Jacques Coursil, “L’éloge de la muette”, *Césure, Revue de la convention psychanalytique*, n. 11, *La commotion des langues*, 1996.

seu berço linguístico original, o da diglossia antilhana, embora houvesse a tendência na Europa a fazer do autor de *Anabase* o modelo de uma escrita altivamente clássica. Yoyo demonstra de que modo, e é um exemplo mínimo, a língua muda fala no interior mesmo do francês quando Perse escreve: “*Pour moi, j’ai retiré mes pieds*” (literalmente: “*Por mim, retirei meus pés*”).

Um leitor francófono não antilhano compreenderá “*Pour moi, j’ai ôté mes pieds*” (“*Por mim, tirei meus pés*”), verso no mínimo obscuro, já que o verbo *ôter* em francês exige automaticamente um complemento: tira-se alguém ou alguma coisa de algo. O leitor antilhano não terá nenhuma espécie de hesitação, pois, para ele, esse verso, decalque do crioulo guadalupense “*An tiré pyé an mwèn*”, significa simplesmente “fui-me embora”. Em romancistas como Jacques Roumain, Joseph Zobel ou Simone Schwarz-Bart, além dos decalques, encontraremos sobretudo transposições que, embora possam ser apreciadas por sua beleza formal pelo leitor não antilhano, permanecem para ele frequentemente obscuras quanto a suas conotações extralinguísticas. É o caso da transposição dos provérbios crioulos praticada com talento por Simone Schwarz-Bart em *Pluie et vent sur Têlumée Miracle*.

Notas de rodapé, glossário, decalques e transposições têm a ver com uma prática ora selvagem ora erudita da tradução, mas essa tensão tradutora que atravessa a escrita antilhana vai ainda mais longe, pois conduz o autor a se tornar tradutor no sentido habitual, técnico, do termo, coisa que levou Maximilien Laroche (1976) a afirmar que toda a literatura francófona haitiana não passaria no fundo de um vasto empreendimento de tradução.

Aqui, é preciso insistir, não se trata de forma alguma da tradução no sentido metafórico do termo como quando se diz “em *Germinal*, Zola traduz bem o sofrimento dos operários das minas”. Trata-se, isto sim, de uma tradução no sentido próprio do termo. Com efeito, quando os camponeses dos romances *La Rue Cases Nègres* do martinicano Joseph Zobel ou *Gouverneur de la rosée* do haitiano Jacques Roumain se exprimem em francês, trata-se de uma verdadeira tradução.

O camponês antilhano é crioulófono e, no caso do Haiti, crioulófono monolíngue, o que significa que os romancistas antilhanos estão incessantemente, ao longo de suas

obras, traduzindo em francês a fala do camponês (assim como de todos os outros personagens populares). Tal como mostra Jean Bernabé (1983), na literatura antilhana, a *língua indígena da narrativa* não é a língua indígena da realidade, e o francês exerce um papel de procuração com relação ao crioulo. É fácil medir os efeitos devastadores que essa tradução pode ter no plano da verossimilhança das obras literárias antilhanas. Conforme os autores utilizem um francês mais ou menos padronizado ou, ao contrário, um francês mais ou menos crioulizado, eles correm o risco de artificializar seus personagens. Assim, os diálogos amorosos entre Manuel e Anaïse em *Gouverneurs de la rosée* (1948) se parecem com diálogos à moda de Tristão e Isolda por causa do nível de língua muito elevado utilizado por J. Roumain, diálogos que seriam impossíveis na realidade camponesa haitiana, não somente por causa da miséria extrema mas também porque as relações amorosas crioulas não são verbalizadas de maneira romântica, decerto por causa dos séculos de escravidão durante os quais as relações homem-mulher, quase exclusivamente aliás senhor branco/escrava negra, eram marcadas pelo signo da brutalidade, quando não do estupro permanente. É o que se vê, portanto: ao se tornar tradutor, o romancista antilhano pode se tornar traidor da realidade antilhana, e é por isso que um autor como Patrick Chamoiseau, num desejo de adequação máxima entre a língua de sua literatura e a língua do real, inventa um francês no qual enxerta, no sentido quase botânico do termo, o crioulo. Trata-se no caso de uma tentativa que visa reproduzir a oralidade crioula sobre a literalidade francesa. Os *djobeurs*, isto é, os carregadores de Chamoiseau em *Chronique des Sept Misères* (1986) sem dúvida não falam sua língua verdadeira, o crioulo, mas usam um francês de tal modo habitado pelo crioulo que dá, ao leitor em todo caso, a ilusão de estar lendo crioulo. Todavia, o autor não se contenta em buscar o realismo linguístico somente no nível do diálogo, como faziam tradicionalmente os romancistas antilhanos, em cuja obra a narrativa é em francês-padrão e o discurso em francês crioulizado: ele vai se esforçar por forjar peça por peça uma língua nova que visa se apoderar da totalidade de seus enunciados literários e não só nos diálogos. Nisso Chamoiseau tenta escapar – tentava vã mas bela – da obrigação permanente de traduzir que pesa sobre a escrita francófona antilhana e guianense. Em Chamoiseau, duas línguas distintas, embora estreitamente abraçadas, continuam a falar e este é um verdadeiro desafio para os tradutores de seus romances.

**Traduzir a literatura diglósica**

Quando um tradutor trabalha com um texto literário francófono das Antilhas-Guiana, ele não pode ignorar que sob o francês fala, sem descontinuidade, uma outra língua, o crioulo, sob pena de desfigurar a tradução. Infelizmente, porém, é o que se produz na maior parte do tempo. Se as consequências são menos graves quando se trata de autores que usam o francês aparentemente desprovido de qualquer vestígio de crioulo, como Aimé Césaire, elas se tornam catastróficas no caso de um Edouard Glissant ou de um Patrick Chamoiseau.

O problema reside no fato de que, até o momento, toda tradução é concebida como a passagem de uma língua-fonte a uma língua-alvo, de uma língua de partida a uma língua de chegada. A gente se vê na confrontação do Um ao Um. O empreendimento de tradução é vivido, metaforicamente, como a passagem de uma fronteira terrestre entre dois países com tarifas alfandegárias mais ou menos elevadas a pagar, conforme esses países, essas línguas portanto, sejam fronteiriças ou não, culturalmente aparentadas ou não. Ora, traduzir um texto francófono antilhano-guianense consiste em passar de *dois para um*, operação complicada, desconcertante, já que a grande maioria dos tradutores não conhece a língua crioula. Ficam então reduzidos a trapacear, fingem não ver nem ouvir a língua muda que fala sob o francês, no francês e com o francês. O problema pode ser resumido assim: como traduzir um texto escrito não em uma mas sim em duas línguas-fontes (duas línguas-fontes, ainda por cima, fortemente imbricadas)? Conservar somente a língua-fonte de superfície, isto é, o francês, expõe o tradutor a contrassensos permanentes e, no plano estilístico, ao aplainamento sistemático dos efeitos induzidos pela fricção do francês e do crioulo.

Eis alguns exemplos dessa atitude assumida na tradução italiana de *L'homme au bâton* (1993), de E. Pepin:

1. “Il y avait son allurance...” (p. 9): “C’era la sua andatura”. O termo *allurance* é uma invenção do autor que parece ser crioulo e que, capturando a atenção do leitor francófono não crioulofono, não lhe é incompreensível. Essa pseudocrioulização do francês *allure* tem por efeito acrescentar o sema “sexualidade”, o qual fica totalmente ausente da tradução italiana *andatura*.



2. “Le marchand de jus de canne” (p. 11): “Il venditore di canna di zucchero” (p. 9). Há aqui uma omissão, ou mesmo um erro de tradução, pois a palavra *jus* (“suco” ou, no caso, “caldo de cana”) desaparece, o que leva o leitor italiano a pensar que há vendedores ambulantes de cana de açúcar nas ruas das cidades de Guadalupe.
3. “Mme Denise ouvrait ses cocos-yeux” (p. 14): “Madame Denise con gli occhi fuori delle orbite” (p. 11). Há aqui excesso de tradução e um deslizamento de sentido, porque “cocos-yeux” conota bem mais a forma redonda e o tamanho dos olhos do que o fato de estarem fora de suas órbitas (o que se diria em crioulo “*yeux-grenouilles*” [“olhos-rãs”]).
4. “Ainsi allait la vie comme un galop de cheval à trois pattes et toujours il manquait la quatrième” (p. 15): “Così andava la vita, come un cavallo al galoppo, una con tre zampe e sempre mancava la quarta” (p. 12). O “cavalo de três patas” em crioulo é uma criatura diabólica com a qual se pode topar à noite nos caminhos isolados do campo. Na tradução italiana, essa conotação mágica desaparece e sobra apenas o efeito banal da existência, que o autor compara ao mencionado cavalo.

Numa outra tradução italiana, a de *Chroniques des Sept Misères* de Patrick Chamoiseau (1986), *Cronaca delle sette miserie* (1990), aparecem fenômenos semelhantes, dos quais damos o seguinte exemplo:

Une manière de ciel, d’horizon, de destin, à l’intérieur de laquelle nous *battions la misère* (p. 13): “Una sorta di cielo, di orizzonte, di destino, all’interno del quale *languivamo nella più squalida miseria*”.

A expressão decalcada do crioulo “*battre la misère*” conota uma ideia de não resignação frente à miséria, ideia que é traída no italiano “*languivamo*” que, ao contrário, conota a resignação.

Como fazer então? Para Edouard Glissant (1990): “Criar em qualquer língua dada supõe assim que se seja habitado pelo desejo impossível de todas as línguas do mundo. A totalidade nos convoca. Toda obra de literatura hoje se inspira nisso.”

A nosso ver, assim como o escritor moderno escreve com a pluralidade das línguas do mundo na cabeça por causa da cotidiana onipresença delas através dos meios eletrônicos ou da presença crescente por toda parte de populações migrantes, o tradutor

moderno deve sair da clausura que constitui a passagem de Um a Um. Deve a partir de agora trabalhar no quadro daquilo que se poderia chamar de *diversalidade* linguística.

## BIBLIOGRAFIA

BERNABE, Jean. **Fondal-Natal**. T. 1. Paris: L'Harmattan, 1983.

BERNABE, Jean. **Grammaire créole. Fondas Kréol-la. Eléments de base des créoles de la zone américano-caraïbe**. Paris: L'Harmattan, 1987.

CHAMOISEAU, Patrick. **Chronique des Sept Misères**. Paris, Gallimard, 1986.

CHAMOISEAU, Patrick. **Cronaca delle sette miserie**. Milan: Serra e Riva Editori, 1990.

GLISSANT, Édouard. **Poétique de la Relation**. Paris: Gallimard, 1990.

HENRY, Albert. **Anabase de Saint-John**. Éd. Adrienne Monnier. Paris: Gallimard, 1983.

HIBBERT, Fernand. **Sena**. Port-au-Prince: Impr. De L'Abeille. 1905.

HIBBERT, Fernand. **Les Thazar: scènes de la vie haïtienne**. Port-au-Prince: Impr. De L'Abeille. 1907.

HIBBERT, Fernand. **Le manuscrit de mon ami**. Port-au-Prince: Impr. Cheraquit. 1923.

HIBBERT, Fernand. **Les Simulacres: l'aventure de M. Hellenus**. Port-au-Prince: Impr. Cheraquit. 1923.

ALFONT, Robert. **Quarante ans de socio-linguistique à la périphérie**. Paris: L'Harmattan, 1997.

LAROCHE, Maximilien. **L'image comme écho**. Montréal: Leméac, 1976.

LHERISSON, Justin. **La Famille des Pitie-Caille: Zoune chez sa ninnaine**. Paris: Editions caribéennes, 1978.

PEPIN, Ernest. **L'Homme au bâton**. Paris: Gallimard, 1990.

PEPIN, Ernest. **L'uomo al bastone**. Gli Edizioni del Lavoro, 1996.

PERGNIER, maurice. **Les fondements socio-linguistiques de la traduction**. Presses Universitaires de Lille, 1993.

PERSE, Saint-John. **Œuvre complètes**. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1987.

ROUMAIN, Jacques. **Gouverneur de la rosée**. Pantin: Temps des cerises, 1999.

SCHWARZ-BART, Simone. **Pluie et vent sur Télumée Miracle**. Paris: Seuil, 1972.

YOYO, Emile. **Saint-John Perse et le conteur**. Paris: Bordas, 1975.

ZOBEL, Joseph. **La Rue Cases Nègres**. Paris: Présence Africaines, 1975.

#### ANEXO

Maurice Pergnier: *Les fondements sociolinguistiques de la traduction*, 1993.

Embora a *linguagem* seja uma capacidade universal e a *língua* seja um fato social, isto é, coletivo, esta e aquela de fato só são acessíveis à observação na forma de manifestações sempre *singulares*, individuais. Jamais estamos diante da linguagem em sua generalidade nem mesmo de uma língua em sua abstração, mas diante de atos de *fala*, ou seja, de “eventos” linguísticos, sempre singulares e sempre caracterizados pelas circunstâncias particulares de sua emissão. (p. 14-15)

Por sua simples existência, ela [a tradução] postula a possibilidade de uma dissociação entre a mensagem como conteúdo comunicável (universalizável) e a língua (social) que o exprime. Com ou sem razão, a visada tradutora postula portanto a existência de universais de linguagem, para além do caráter social das línguas através dasquais ela (a linguagem) se manifesta. (p. 15)

[...] traduzir consiste em substituir uma *mensagem* (ou uma parte de mensagem) enunciada numa língua por uma *mensagem* equivalente enunciada em outra língua. Enfatizaremos como importante nesta definição o fato de que a tradução *opera sobre* mensagens e que ela *questiona* línguas. Em termos saussurianos, diríamos que a tradução opera sobre a *fala* (*parole*).

Poderemos dizer, é claro, que, se a tradução não incide sobre a língua, ela incide entretanto sobre *material linguístico*. “AQUILO” que se traduz (frase, discurso, obra...) é formulado em francês, em inglês, em alemão etc., e o resultado da tradução será uma formulação *em inglês, em francês, em alemão etc.*, isto é, a língua intervém, sim, enquanto tal. (p. 19)

A mensagem é o pivô da operação tradutória, é o único elemento implicado cuja invariância é buscada. (p. 21)

A linguística aplicada à tradução deve incluir em seu estudo uma teoria da mensagem tanto quanto uma teoria da língua. Deve ser uma linguística da fala tanto quanto uma linguística da língua [...] (p. 22).

Dizer que a tradução opera sobre mensagens é, com efeito, proclamar que ela é um ato de comunicação (ou de troca linguística) antes de ser um ato de comparação inter-lingual. (p. 23)